



AMOR FATI....



ELYSIO DE 
CARVALHO 

Y, 4, 84

©

ELOGIO ACADEMICO

DA SENHORA

D. MARIA PRIMEIRA,

RECITADO POR

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADE E SILVA,

EM SESSAO PUBLICA

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA,

Aos 20 de Março de 1817.

Francisco G. Xaviero de Almeida

Rio de Janeiro.

NA TYP. IMPARCIAL DE FRANCISCO DE PAULA BRITO,
Praça da Constituição N. 66.

—
1839.

Tendo o Exm. Sr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada nos offertado, em signal da amizade eom que nos honra, e a qual estamos longe de merecer, o manuscripto do presente Elogio; gostoso nos apressamos a publical-o, como mais hum signal da veneração e do respeito que consagramos ás sempre choradas cinzas do Patriarcha da nossa Independencia.

Possa este nosso diminuto serviço, á par de outros que igualmente havemos feito, tornar-nos aos olhos de seus Illustres Irmãos (á quem o Brasil tanto deve, e para quem tão ingrato tem sido), sempre digno da estima que de longe lhe merecemos, em quanto d'ella nos tornarmos digno.

F. de P. Brito,

Edictor Proprietario.

AO PUBLICO.



Entre os escriptos ineditos, de que fui legatario por morte de meu sempre lembrado irmão José Bonifacio de Andrada e Silva, escolhi, para ser primeiro impresso, o Elogio da Senhora D. Maria I., recitado por elle em sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa, aos 20 de Março de 1817, que ora offereço ao Publico. O Publico apreciando a verdade dos factos, as bellezas de huma linguagem pura e castiça, mas sem affectação, os conhecimentos variados, e o rigor de seus principios, tanto em moral como em politica, e dest'arte avaliando o quilate de merito, que cabe á esta producção, assignará ao seu Author o lugar, que deva occupar entre os Condorcets, e Vic-d'Azirs, e decidirá então se eu acertei na escolha. Devo ainda huma ultima revelação, e vem á ser, que o motivo principal,

e que mais pezou na balança das minhas considerações, foi o desejo de, renovando as saudades de huma Rainha, tão recommendavel por suas virtudes publicas e particulares, renovar tambem a dôr, e as saudades do seu Elogiador no meu coração, no de seus parentes, e de todos aquelles, que cultivarão a sua amizade, e á ella forão sempre fieis.

M. F. RIBFIRO DE ANDRADA.

ELOGIO ACADEMICO.

. Vacuum duellis
Janum Quiriniclausit, et ordinem
Rectum evaganti frena licentiæ
Injecit, emovit que culpas,
Et veteres revocavit artes.
Hor. 4 od. 15.

Este ajuntamento extraordinario, esta Assembleia d'Academicos, seu silencio, seu semblante triste e magoado mostram bem, Srs., o porque hoje nos juntamos, nesta sala. Sim, aqui nos juntamos, para ouvirdes neste primeiro dia anniversario de morte e de saudade, o Elogio da muito Alta, e mui Poderosa Rainha de Portugal a Sra. D. Maria I. de immortal memoria.

A pintura das acções insignes attrahe sempre a nossa attenção. A principio esperta nossa curiosidade, depois alcança nossa admiração. A impressão do bello e do sublime dilata o coração, e augmenta a consciencia de nossas proprias forças. Ao prazer immediato que causa, acompanha logo hum desejo obscuro de imitação, que afagado depois e cultivado, cria por fim este enthusiasmo, donde

brotão os grandes feitos. O Philosopho, que estuda o coração humano, aproveita estas nobres disposições da natureza; e procura desenvolver com a eloquencia da palavra, o germen precioso das virtudes, que a Divindade encerrou em nossos peitos. Eis aqui os fructos que produzem os Elogios, quando sabem retratar com verdade, e energia, o caracter dos Heroes.

He por este motivo, Srs., que de longos annos uzarão Grecia e Roma render publicos cultos em seus Panegyricos á memoria dos benemeritos; e com razão uzavão; porque nada ha mais util para o exemplo e imitação, como ja disse, que conservar viva a lembrança das virtudes, e acções que honrão a humanidade. E que mais nobre consolação podião inventar animos agradecidos para mitigar sua dor, que elogiar o merito dos finados, e immortalizar o seu nome? Assim Pericles devendo na praça publica de Athenas tecer o elogio dos cidadãos que acabavão de morrer pela Patria, depois de exordiar, louvando os uzos e costumes da sua Republica, passa a celebrar suas virtudes; consola os parentes, e amigos; e acaba admoestando os presentes que initem suas acções, e saibão morrer tambem, pela Patria, e pela honra.

Este uzo antigo e santo de recitar Panegyricos, até de Principes vivos e perante os mesmos, cujos modelos nos deixarão os Plinios e Pacatos, foi depois ge-

ralmente seguido em toda a Europa. E não pareça que o adoptara somente a servil adulação; porque era justo que os optimos Principes folgassem de ouvir louvadas suas acções; e aprendessem os máos tambem, ao menos deste modo, o que deverão ter feito, e o que devião fazer. E dado o caso, que os Panegyricos dos máos Principes por falsos sejam aborrecidos, os dos bons são sempre ouvidos com gosto e aproveitamento: porque louvar hum soberano virtuoso he accender farol em torre altissima, para atinarem os outros a carreira; he modo de ensinar e admoestar os homens com brandura e sem especie de soberba, como diz Plinio. He justo portanto que a Academia Real das Sciencias, que á Sra. D. Maria I. deveo a fundação e mantença, não fique muda, quando tantos Oradores Sagrados e Poetas tem celebrado á profia os feitos e virtudes da sua incomparavel Rainha. Seria ingratição indesculpavel que a Academia repouzasse sobre trabalhos alheios, e não tomasse parte nesta divida sagrada; seria vileza pouparmo-nos, quando os outros trabalham.

He dever dos sabios, Srs., honrar a virtude; rasgar a nuvem do tempo que tudo onza envolver em amortecido esquecimento; e encommendar á immortalidade o nome daquelles, que ennobrecem nossa especie. Em seus Elogios expõem as Academias á veneração dos seculos os que a merecem; e

pagão aos mortos a divida dos presentes, não raramente ingratos para com os vivos.

É porem de huma academia de Sciencias deveis querer, Srs., obra que seja digna de tão alta Soberana, e digna d'Academia: obra que reuna em si brevidade succoza, elegancia de imagem, pureza de estilo, vehemencia que mova, doçura que encante, precisão e novidade de ideias que instrua, convenção, e arrebatem o entendimento. O orgão porem de que se quiz servir a Academia he certo incapaz de satisfazer á vossas miras e desejos.

Desejara eu, Srs., para vossa satisfação, e honra da Academia, que tivesse ella escollido entre tantos socios que possui, cheios de saber e de talentos, qualquer outro orador que melhor podesse desempenhar hum tão sublime assumpto.

Em verdade, Srs, se eu onzasse voluntariamente tomar sobre meus hombros este pezo incomportavel, poderieis vós com razão accuzar-me de presumpção reprehensivel e temeraria; mas eu obedeci, porque cumpria obedecer. Bem sentia ser meu cabedal sem proporção á tamanha empreza, e mormente tendo de tratar a materia perante huma Assembleia douta e tão distincta; e ainda mais, devendo escrever para a vindoura idade. Bem sinto eu que o aço natural do engenho, se o tive outrora, está enferrujado e ja quasi gastado de todo; e que meu espirito se acha por molestia, estudos seccos, e

ocupações avessas á eloquencia, ja embotado e decepado para obras de primor. De mais, como ouzarei em neste primeiro dia anniversario da morte da nossa amabilissima Rainha, dar gala ao discurso, quando o coração ainda está coberto de luto? Quem poderá hoje ter livre e folgada a razão para não dizer senão o que cumpre dizer, e dizel-o como cumpre? Em hum dia, em que talvez as lagrimas devião ter mais exercicio que as palavras, melhor me fôra, Srs., emudecer que fallar; porque o sentimento do coração escurece as luzes da razão, e prende os vãos da eloquencia.

E todavia, Srs., he forçoso moderar a minha dôr para desempenhar a minha obediencia. E para que serve recordar de continuo perdas irreparaveis? Cumpre aos sabios suportar com resignação, e valor os males que não tem remedio. Se o pranto podera mudar a natureza das causas, eu tambem ajuntaria huma lagrima se quer á tantas outras ja vertidas. Mas estes lamentos, sobre inuteis, são nescios; e he melhor então o silencio, que a vã fadiga dos queixumes. Nem eu subi a este lugar para alardear sensibilidade: subi para obedecer á Academia.

Porem, se o vosso preceito me desculpa, anima-me tambem (dil-o-hei sem susto): anima-me a vossa escolha; anima-me a vossa presença; pois espero que o mesmo espirito, que tantas vezes vos inspi-

rara grandes ideias, e sublimidades de eloquencia, talvez queira tambem guiar-me, para me não desvairar de todo em tão difficil e fragosa carreira. Consola-me igualmente a ideia, que para tecer o elogio de Maria, a quem devo grande parte desse pouco que sei, não preciso dos ardís da arte, nem de inuteis rasgos de huma eloquencia intempestiva.

Para louval-a dignamente, bastaria fazer-vos huma resenha singela do que vistes, e presenciastes. Bastaria que restolhasse, aqui e ali, algumas espigas mais, que escaparão desvairadas aos que antes de mim ceifarão esta messe preciosa; e até isto mesmo poderia parecer inutil; porque Maria I., esta Rainha amavel, sabia, e religiosa, teve sempre a ventura de achar em cada hum de seus vassallos, de quem foi caridosa Mãi, hum pregoeiro de suas virtudes: felicidade bem rara em tempos taes, como os nossos, onde a malicia, ou a leviandade nada respeita por sagrado, nem escrupulo algum faz de denegrir as grandes almas para as abaixar assim ao nivel das pequenas, e vulgares. No seculo Philosophico em que vivemos, assim chamado por huns com elogio, por outros com oprobrio, não só a inveja, mas igualmente certo refinamento de agudeza capricha de esquadrinhar as menores falhas da humanidade; bem como os salteadores, que nos desfiladeiros esperão o viandante incauto para lhe roubar a fazenda e a vida. Mas a posteridade impar-

cial mofa das puerilidades da maledicencia, e vinga o verdadeiro merito, com a fama que lhe perpetua; mormente quando as grandes Personagens tem a ventura de serem louvadas por Homeros, e Virgílios, como debalde eu desejara ser.

Com effeito, Srs., não são pompas funeraes, nem soberbos tumulos, os que immortalisão os Heróes: são os escriptos dos Sabios os que perpetuão, entre os homens, a memoria dos homens. Muitos, diz o grande Lyrico Latino, florescerão antes de Agamenom, porem não nos merecem hoje huma só lagrima; e seus nomes estão apagados em vil esquecimento, por carecerem de sagrados vates. O famoso mauzoleo de Arthemisia, que fôra huma das maravilhas do mundo, os obeliscos do velho Egypto, as estatuas, os altáres, os marmores inscriptos, perecerão huns de todo; de outros só restão ruinas despreziveis, e incertas: mas huma Illyada ainda existe inteira, e desafia a voracidade dos seculos.

Eu porem não venho aqui fazer hum Poema, nem hum mero Pãegyrico; venho recitar hum Elogio Historico e Academico. Arriscaria commetter hum crime de leza magestade contra o trono, e contra a patria, quem ouzasse louvar Maria I. com ficções, e hyperboles; pois se he glorioso procurar immortalisar as virtudes; tambem he peccar contra Deos, e contra os homens elogiar os mortos de perfeições fantasticas: o verdadeiro louvor tão apartado está

da calúmnia, quanto da mentira. Quem faz do Herói que louva huma Divindade sobre a terra, sem a mais pequena sombra de fraqueza humana; não o exalta; tira o credito ás suas virtudes; e se não destroe toda sua fama, muito por certo a diminue.

Mas ainda que o elogiador Academico deva ter mais severidade, e outros fins que não tem o Panegyrista; deve com tudo sem alterar a essencia dos factos, dar-lhes realce, e nobreza; bem como aos Pintores de miniatura he licito dar colorido mais brilhante ás feições, sem destruir a semelhança do retrato: deve dar ao esqueleto historico alma, e sangue com as bellezas do estilo, e força da Philoſophia; e sobre tudo deve pintar o caracter morale individual do seu Heroe; pois do caracter he que brotão as virtudes, e nobres qualidades, que brillão na carreira da vida.

Para determinar porem este caracter nas grandes personagens, cumpre ao Philoſopho estudar por miudo todas as acções, em tempo, e circumſtancias diversissimas: cumpre indagar os motivos porque obrarão sempre de hum modo, se não identico em tudo, ao menos analogo e semelhante: cumpre descobrir a estrada por onde caminharão as almas grandes no exercicio das virtudes, que felicitarão a humanidade.

Se estudarmos assim a vida e acções da nossa Augusta Soberana, achareis, Srs., que o seu nobre ca-

partem consistio na irmanada reunião de tres insignes virtudes: Bondade de coração, Prudencia de intendimento, Constancia de animo. Destes manançães correrão em bica todas as outras nobres qualidades da sua alma, e todas as grandes acções, que fizerão de Maria I., como Matrona, hum exemplar do seu sexo, como Rainha, hum modelo de Príncipes. Eu espero que o que vou d'ella referir, e o que tenho que louvar nella, não serão desses lugares communs, que quadrão a todas as Rainhas; mas que só á ella pertença, e só d'ella se possam dizer e affirmar. Serei nisto antes Philosopho, que Pancyrista: e forcejarei que o meu estilo seja menos florido que grave, mais apanhado que solto, e podem desempeçado; para que não saia, malgrado meu, seu Elogio, como essas copias deslavadas de paineis originaes, como essas estampas frias e sem vida dos quadros immortaes de hum Rubens, e de hum Rafael.

E porque não ousarei esparzir tambem, de quando em quando, algumas poucas flores daquella casta eloquencia, que nasce do coração, sobre seu tumulo sagrado?

Purpureos spargam flores, animanque Mariae
His saltem accumulem donis, et fungar inani
Munere.

Ah! se eu poder levantar á memoria da minha
Illustré Soberana hum letreiro, em que fique gravada

para sempre esta curta inscripção — *A' Optima Matrona, á Optima Rainha* — terei então satisfeito a meus desejos, e cumprido com a vossa obrigação!

No fausto dia 17 de Dezembro de 1734, quando ainda governava seo Magnanimo Avô, nasceo aquella que devia ser Rainha e Mãi dos Portuguezes. Não preciso entrar aqui na sua Real ascendencia, seria desacordo exaltar huma Princeza pela nobreza da linhagem, seria adulação de escravo louvar as almas grandes pelo sangue donde nascem; mas como os Illustres ascendentes impoem aos netos a obrigação sagrada de imitar suas virtudes, só direi que Maria I. teve a honra de sustentar com suas acções, desde o verdor da primeira mocidade, o immenso pezo daquella gloria, que herdara de tantos, e tão abalizados Reis, que brilharão antes della.

Mas folgareis de ouvir, Srs., qual a fez a Natureza, e como a aperfeiçoarão a educação, e os exemplos das virtudes, que são hereditarias na sua Augusta casa. Deu-lhe a Natureza hum rosto bello, hum porte esbelto, e magestoso, huma fronte larga e aberta, que indicava a serenidade da sua alma, e os talentos da sua mente; hum semblante cheio de dignidade, mas placido e suave; huns olhos prespicazes, mas meigos e cheios de bondade; hum rizo modesto, mas ao mesmo tempo gracioso. Era tal a harmonia do sen todo, que parece que quando assim o formou a natureza, pedira em-

prestado á arte o seu compasso. Neste bello domicilio morava huma alma ainda mais bella, a quem a Divindade dotara com esmero e profusão, concedendo-lhe hum engenho subtil, huma comprehensão aguda, huma memoria prompta em receber, tenaz em conservar. Não de balde diz Platão, que nunca ja mais se encontra, em bello corpo, alma disforme; porque, segundo elle, isto envergonhara á Geometria da Providencia.

Logo que chegou o tempo de cessarem os brincos de puericia, derão-lhe seus Augustos Paes mestres habeis e virtuosos; e com razão lhos derão, pois da primeira educação moral e scientifica pendem quasi sempre os progressos, e fructos da idade madura; porque o terreno de nossa humana natureza, por mais fertil, e macia que tenha a qualidade, se não he bem cultivado por mãos habeis e zelosas, commummente só produz espinhos, e mais erva que grão. Debalde mondará o lavrador seu trigo, se cortando as ervas que o affogão, lhe deixar na terra as raizes, donde ao outro dia brotem de novo. Quantos grandes do mundo por falta de educação injuriarão com suas más acções a memoria de seus maiores; e em vez de se tornarem em bemfeitores da humanidade, forão seu flagello; e quantos outros pelo contrario, que nascerão das fezes, como dizem, da sociedade, deixarão, pela boa cultura que lhes coube em sorte, huma fama perduravel.

Apenas encetada a primeira educação, logo seus mestres forão admirando em Maria juntamente com a agudeza de engénho, e felicidade de memoria, a vontade de saber, e o fervor de se applicar. Os passa-tempos e distracções da mocidade nunca lhe roubavão o tempo, que quasi sempre falta á juventude, para illustrar o entendimento, e engrossar o cabedal da razão e das virtudes. Quantas vezes esquivando-se ás distracções da corte, e ás honras do Paço, não se encerrava ella só em pequeno apozen-to, para folhear os livros, e espantar seus mestres! Por isso he que todas as sementes do saber e da moral christã arreigavão nella profundissimamente, e crescião á olhos vistos. Em tempo em que até a mesma razão, por não fallar da natureza, parece convidar a mocidade, a que goze a primavera dos annos em gostos e prazeres, Maria ousava ja então, com o nobre orgulho do dever, furtar-se a passa-tempos para se entregar toda ao estudo, e á oração. Parece incrível que naquella idade em que os objectos excitão ^{na} apenas ^{na} a alma huma ligeira attenção, ella ja soubesse reflectir e ponderar no que convinha. São provas do que digo a brevidade com que aprendeo as primeiras letras, e as linguas; e os progressos que hia fazendo cada vez mais nas bellas letras. Creio que a natureza ja então queria mostrar que a formava para exemplo de Donzellas, e para a felicidade de milhões de homens Mas se a

Natureza era liberal em seus dons, Maria a excedia no zelo de aproveitá-los e ampliá-los.

Com os annos empolvam os conhecimentos, e são taes os seus progressos que mais pareçam fructos espontaneos da Natureza, que do ensino; pois por mais que a educação se afadigue, se a terra, que ara, he estéril e ingrata, quasi nunca produz cousa de monta; quando pelo contrario o talento natural com o mais ligeiro amanho dá flores e fructos de continuo. Eu não finjo perfeições, nem uzo das hyperboles, de que a lisonja he tão liberal nos Panegyricos; são verdades que colhi da boca dos que tiveram a ventura de conhecê-la de menina.

Crescendo na idade, foi tambem tomando gosto ao sabor da muzica, e da pintura; e ja sabia dar valor á poezia. As relações intimas, que ha entre o honesto e o bello, tiverão sempre o maior influxo nos costumes. Quando a paixão do amor da verdade junta o gosto do bello e do sublimo, de necessidade tem ella mais gosto para o bello. Assim os heróes da Grecia, seus Philosophos, e Cónsulles, forão ao mesmo tempo muzicos, e pintores, e quando menos todos souberão apreciar as boas artes. Tambem entre os modernos, para citar hum só exemplo, o immortal Frederico soube ser grande Rei, grande Poeta, e grande Muzico.

Crescia Maria nos annos, e crescia igualmente nas virtudes; medrava diariamente na beneficencia.

Nada lhe era mais agradavel; em nada se comprazia mais que em fazer bem. Despendia-se toda em esmolas, compassiva por extremo das miserias da pobreza; e governava-se de modo, que o dinheiro que seus Augustos Paes lhe costumavão dar para os atavios, e brincos da sua idade, chegavão para alargar a mão sobejamente com os necessitados.

Soccorrer a pobreza com esmolas he proprio da humanidade, he obrigação do christão; basta não ter bronzeado o peito para acudir aos males alheios; mas dar esmolas com a propria mão, acompanhadas de gesto mavioso, da compaixão, só pertence á corações generosos. Somos os homens feitos de tal arte, que mais se empenha nosso agradecimento com a maneira do soccorro, que com a grandeza delle. E com razão assim o quiz a Natureza; porque soccorrer aos desgraçados he acção de magnanimidade; mas fazer o beneficio com toda a vontade, e bom modo, he proprio só do amor: sentimento este, que não só ennobrece a quem o mostra, mas a quem o recebe. Grandes acções pode o homem fazer por honra, ou por orgulho; mas fazer bem, só porque he bem, he ser semelhante á Divindade, he fazer obras de Deos.

Nos deveres da Fé, no amor da Santa Religião, que professamos, ninguem excedeo a Maria, bem poucos a igualarão. Que dia houve desde a sua mais tenra mocidade, em que ella se não empregasse em

afervoradas orações? Que dia houve em que seus olhos não arrebatassem em devoto pranto, prostado ante os altares do seu Deos! Quantas outras provas fazia ella de alta piedade! Para se humilhar ante a Divindade muitas vezes pelas sêdas, e cambraias do leito mudava huma manta grosseira; pelas sobegidões da meza Real hum pedaço de pão secco, quando muito acompanhado de algum simples conducto. E para dizer tudo de huma vez, em tudo se lhe transluzia hum coração inflammado em pura religião; e estava esta, por assim o dizer, transvasada em sua alma de modo, que em nenhum tempo da sua existencia andava apartada della; e toda a sua vida foi huma copia fiel do original que tinha gravado no intimo de seu peito. Mas paremos aqui, Srs. Não he dado a huma muza profana entranhar-se no sanctuario da Fé; nem mapejar os misterios inefaveis da Divina Graça: vamos encarar outras virtudes, que estejam mais ao alcance da razão humana.

Sempre as virtudes se ~~acompanham~~ ^{acompanham} de virtudes. Assim como no Universo phisico, segundo as ideias de hum velho Philosopho da Grecia, os atomos similares, espalhados pelo espaço, tem reciproca tendencia, e gravitão entre si, para formarem os diversos seres, de que são principios: tambem no mundo moral as virtudes, dispersas pela humanidade, folgão de se unir em gruppo nas almas pri-

mos hoje em dia os Portuguezes mil benções e venturas.

Vai ja chegando o tempo, em que Maria deverá subir ao throno Portuguez. Na falta da successão varonil chamão para elle as leis constitucionaes de Lamego a filha Primogenita do Rei. Notai, Srs., que já em tempos, que chamamos barbaros, souberão os Portuguezes respeitar os foros da justiça, e dar a maior prova de amor e veneração ao sexo amavel. Nunca entre nós teve cabimento o egoismo politico dessa chamada Lei Salica. Mas que horrivel borrasca se levanta agora contra os Direitos de Maria, e contra a nossa futura felicidade! Esta Lei justa, e fundamental da Monarquia querião destruir de hum rasgo de penna alguns desses homens energicos, mas atrozes, que pizão as mais santas Leis, quando se lhe antolhão contrarias aos seus fins; desses homens astuciosos, e amestrados nas Artes do Machiavellismo, que sabem aproveitar as occasiões, e talvez criá-las para dominar a opinião com projectos grandes, e vastissimos, que porem não podem, nem sabem realisar; que affectando com huma loquaz hypocrizia mostras da mais pura lealdade aos Soberanos, abuzão da sua bondade e confiança para sacrificarem os Estados aos Idolos do seu coração, á ambição, e á avareza; desses homens solapados, que se apregoão os amigos do povo e das nações, quando á aquelle carregão de cadeas e mizeria; e á estas quebrão-

lhes a mola da nobreza de character, roubando-lhes a liberdade legal de que gozavão, e o direito sagrado de hir aos pés do trono representar seus males, e pedir ventura. E estes são, Srs., os *Molochs* da lei nova, por quem escriptores preocupados, ou malignos tem andado a mendigar nossas adorações, e cuja lithurgia hão consignado, em centenaes de paginas, que certo rasgará hum dia a historia imparcial. Mas admirai, Srs., os arcanos da Providencia, e a constancia de Maria. Desta vez não vencerão os máos anjos ao bom. Maria vai prostar-se, banhada em lagrimas, aos pés de seu Augusto Rei, expõe-lhe com a submissão de filha e de vassalla, mas com a energia da razão e da virtude, seus sagrados direitos; e vai assim poupar-lhe huma injustiça, que malgrado seu poderia commetter. O coração do Pai se enternece, ergue nos braços a cara filha, consol-a, e segura os seus direitos. Cahem por terra de hum golpe todos esses sofismas da politica, com que a astucia e o egoismo tinham pretendido deslumbrar-lhe a mente, e extorquir-lhe a vontade. Venceo a razão e a constancia: e Maria he nossa Soberana.

Em Fevereiro de 1777 toma posse do Reino a Augusta Matrona, e em Maio he aclamada Rainha, e Senhora de Portugal.

A Divina Providencia sempre tem favorecido os Portuguezes: abramos nossa historia, e vereis nella

que pretendendo dominar-nos D. João Rei de Castella, por faltar a varonia do Sr. Rei D. Fernando, apparece logo o primeiro João, para gloria e liberdade nossa; quando o captiveiro de Hespanha peza-va mais sobre os nossos hombros, que vergavão, surge o quarto João; ambos Luzeiros de virtude, e altos feitos; quando finalmente em nossos tempos a falta de successão varonil podia fazer recear, que mãos feminiz não podessem com vigor e energia sustentar as redeas do governo, e salvar-nos de guerras e anarchia, então nos dá o Ceo huma matrona sabia e forte, que nada tem que invejar aos grandes Reis donde decende. Então para nos ajudar ainda mais, não consente que Maria suba ao trono, senão em annos ja maduros, e chea das luzes da razão e da experiencia.

Nenhum Monarcha Portuguez foi acclamado com mais vivas de alegria, nem com maiores esperanças. Naquelle fausto dia vião-se os semblantes, huns affogucados de amor, e confiança; outros derretidos em lagrimas de gozo; todos enlevados na vista da sua boa e amavel Soberana. Hum longo ministerio energico e grandioso, mas duro e inflexivel, calamidades pavorozas, e sem conto, tinhão abismado as almas todas em terror e medo. Sobre o desgraçado Portugal tinhão cahido em pouco tempo, como grão, tantos males phisicos e moraes, que parecião vomitados pelo inferno. Terremotos, inundações,

incendios, prisões continuas, masmorras atulhadas, castigos e crimes atrocissimos, trazião atterrados todos os espiritos. Não me compete a mim, Srs., rasgar o veo que cobre tantas, e tamanhas desditas; nem sabe meu entendimento descobrir suas causas; somente sei que succederão quando a razão menos os podia suspeitar ou recear. Mas graças ao Ceo; ja assoma no horisonte a nova estrella da alva, precursora de dias claros e serenos.

Tinhamos os Portuguezes necessidade de gozar de mais brandura e mansidão; e isto achamos logo, que a Piedosa Maria se assentou no trono. Obedecendo com prazer do coração as ultimas vontades de seu Augusto Pai, ella despeja horriveis carceres de milhares de infelizes; chama á patria os desgraçados. Não sei se erão culpados; sei somente que estavam a soffrer sem livramento, e sem sentença. Quem não admira a magnanimidade da nova Soberana? Podendo fazer inteiramente sua esta gloria, não a quer; antes publica logo pela imprensa as ultimas recommendações paternas; e só reserva para si o gozo de as executar; querendo deste modo que os desgraçados, a quem faz ver de novo o sol, abençoem tambem a memoria do seu Rei. Faz ainda mais a nossa magnanima Rainha; satisfaz de seu thesouro as reclamações de tantos desgraçados reduzidos á ultima miseria, e paga promptamente as dividas atrazadas dos criados. He mais rico real.

mente, Srs., o Príncipe que felicita vassallos com a liberalidade, do que aquelle, que amontoa thesouros com a sua avareza. Fazer ditosos os subditos, he a primeira obrigação dos Reis, saber fazel-os, eis aqui o segredo de reinar; segredo facil de alcançar ás almas bem formadas.

Não parão aqui suas virtudes. Ouvir com paciencia, despachar com promptidão, he dever dos Soberanos, em Portugal he direito adquirido dos vassallos. A todos recebia Maria com benignidade, a todos attendia com amor, e quando não podia despachal-os, a nenhum negava ao menos a ternura e compaixão de mãe; e mais folgava de bem cumprir este officio, que possuir hum trono. Quanto mais humildes e desvalidos erão os que pedião audiencia, com tanto maior gosto ouvia suas petições, respondia aos seus queixumes, e elles se espantavão de que os tivesse, não só em conta de vassallos, mas de filhos. He esta huma daquellas virtudes, que sempre houve em nossos bons Monarchas, mas que nunca brilhou mais do que em Maria. Subindo ao trono, parece-me que ouço exclamar — Oh meus filhos, que posso eu fazer para a vossa felicidade! dar-vos-hei todos os meus desvellos, todo o meu tempo, todo o meu coração. Consolai-vos por tanto, e recebei este solomne juramento, que vos faço, e que saberei cumprir á risca; será toda a minha gloria o prazer de vos ver tranquillos e contentes; e se-

rei para os vassallos tal Rainha, que folgára, se vassalla fosse, de a ter por Soberana. —

Com que promptidão e boa vontade não premia-va os homens benemeritos? Sabia muito bem que as honras e mercês quando cessão de ser o premio da virtude e dos talentos, de certo são vituperio do trono, e perdição das nações. Eu na realidade, Srs., me condôo dos homens de merecimento, que morrem á mingoa, e sem os devidos galardões; porem muito mais me condôo das terras e dos tempos, em que isto se pratica; e creio que mais perdem os príncipes, em não premiar os benemeritos, do que estes em não serem premiados. Se os Príncipes da terra fizessem sempre toque dos homens, como se exprime hum auctor nosso, e quantos quilates cada hum tivesse de merecimento, tantos lhe dessem de galardão; então seria o mundo hum paraizo. Mas bem sabeis quanto he difficil chegar a verdade aos pés do trono: os homens hourados sabem pouco importunar validos e cortezões, ou por natural acanhamento, ou porque desprezão patrocínios que envelcem; e se comprazem mais em merecer que em alcançar; nem querem despachos extorquidos, menos por justiça, que por lastima e canção de queixames. Por isso não se pode desejar melhor ventura a hum Reino para ser bemaventurado, que obedecer á hama Mãi, e servir á huma Senhora, que conhecendo o merito e serviços tenha sempre a vontade

apparelhada para os remunerar. Sim, a optima Maria buscou sempre conhecer os benemeritos, e soube sempre honra-los. A intriga e a adulação, que enxovalhão tudo o que tocão, como as harpias da Fabula, perderão para com ella todo o seu poderio. Mas ella folgava não só de premiar, mas tambem de louvar; e ser louvado por huma tão virtuosa Soberana, he certo o maior galardão, que podem receber neste mundo homens honrados. Sabia não só ser compassiva e magnanima, mas tambem ser amiga: e não só sabia ser amiga, mas cumular de beneficios á amisade, beneficios que erão outros tantos premios, e incitamentos á virtude, e não só penhores do agradecimento. Oh santa amisade, dom do Ceo, honra da humanidade, quanto és rara sobre os tronos; mas no coração da nossa optima Rainha tiveste sempre hum asilo e hum sanctuario!

Devo ainda, Srs., antes de entranhar-me nas acções do seu Governo, politico e civil, louvar outras virtudes da sua bella alma; entre as quaes foi sem duvida huma das maiores, a sua misericordia.

Pode haver, Srs., certa clemencia, que provenha meramente da nossa sensibilidade physica; mas para ser virtude duradoura, he mister ser santificada pela religião do coração: só este sentimento pode ennobrecel-a; só elle sabe achar motivos justos, para perdoar. Sem esta nobre virtude embora pretendão os Reis da terra a gloria mundana do herois-

mo; embora sejam tidos por grandes e preclaros; nunca serão amados de seus povos, nunca farão as delicias da nossa especie. Quem tem de governar a muitos, he gloria o ser amado por todos; mas quem ha que seja amado sem clemencia, e sem bondade?

Durante todo o reinado da nossa Augusta Rainha pouquissimos forão os justicados; louvor este que não só pertence á vigilancia do seu governo, mas mui principalmente á ternura maternal do seu coração. Quando ella pela sua justiça era forçada a castigar, com que dó da sua alma o não fazia! Mas quando estendia a mão compassiva aos desgraçados, que alegria não tinha então sua alma? Muito custa por certo a justiça aos corações generosos! Folgarião que os homens não necessitassem de castigo para cumprirem seus deveres; e só os consola a ideia, de que a justiça neste caso, he tambem misericordia; de outro modo lhes fôra insuportavel o pezo do governo. Se alguém porem ouzar tachar de sobeja a misericordia da nossa optima Rainha, lembre-se, de que nunca deixou de castigar quando cumpria, e que a pesar da sua clemencia nunca os crimes forão menos em Portugal, que no seu tempo; reflecta que para huma nação briosa e boa como a nossa, mais pode o amor e piedade, que o rigor; e que o rigor sem absoluta precisão não he justiça, he crueldade: de mais, Srs., os Portuguezes sempre forão e serão, mais filhos que vassallos de seus Reis.

Mas se Maria era clemente, tambem sabia ser constante, e austera. Quando hum Magistrado zeloso foi lançar-se aos pés do trono, e fallou á Soberana com o respeito devido á realza, mas com a energia e firmeza que convem a quem tem á seu cargo defender a gloria e direitos da Coroa, Maria o attende com prazer e admiração, e o Magistrado se recceihe contente e satisfeito, de ter mais esta vez, conservado illeza a auctoridade das leis, e a honra do estado, apezar das intrigas e sofismas com que se procuravão vingar cinzas infamadas. Quando logo depois essa sociedade religiosa, banida de Portugal, e proscripta em toda a Europa, espiando momentos favoraveis de se lavar dos crimes, de que fôra convencida, escolhera para seu mediador e defensor hum Fidalgo illustre pelo sangue, e pelos serviços de seus maiores, e até por seus longos sofrimentos; Maria I. fica firme; e Portugal não retrocede em sua gloria.

Mas he ja tempo de lançar a vista sobre as outras acções da óptima Rainha no governo civil e politico de seus Reinos.

No conselho, onde sempre despachava, folgava a optima Rainha de ouvir nua a verdade; e honrou muito a hum de seus Ministros, só porque votava mais livre, e nunca espreitava sua opinião. Em todos os negocios de estado mostrava sempre a nossa Sábua Soberana o sen singular intendimento; dom do

Ceo, mas que só se engrandece e aperfeiçoa com a continuada reflexão. Porem difficil he buscar acertos na só escola da experiencia, e no socego da razão! Quantas vezes engenhos perspicazes, mas activos e insofridos, são arrastados por maximas e principios arbitrarios, que em vez de sonhados bens, só trazem males reaes aos povos e aos Estados! Quanto não custa combater abuzos inveterados, soppear os embates dos partidos, desprezar os ardís e calumnias da inveja e da vingança, que não raras vezes offusão a razão, e enganão os corações ainda os mais pios e prudentes! Mas quando o engenho he acompanhado da virtude, sabe romper todos os laços, e vencer todas as difficuldades; sabe humas vezes apressar-se, outras demorar-se.

Do seu trono como de alta atalaia vigiava a Soberana os gabinetes da Europa; penetrava seus designios, e combinava seus interesses com os interesses do seu Reino. Nunca seguiu esta politica astuta e cavillosa, tão vulgar em nossos dias, mas sim aquella, que he sempre fiel companheira da virtude; que não aconselha senão o que convem á justiça, nem segue o que reprova a moral. Só á esta nobre arte cumpre emendar o passado, dirigir o presente, anticipar e preparar o futuro: só ella sabe com honra e segurança rasgar o veo ás cavillações e ciladas; evitar os damnos, precaver os males.

Como unia a grande Rainha em laço estreito a

sagacidade politica com a probidade da religião; gozou sempre sua nobre alma do jubilo de ver, durante todo o seu governo, o Reino em paz e abundancia; em quanto grande parte da Europa era hum vasto theatro de sangue e de miseria.

Apenas sobe ao trono, qual anjo de paz, procura logo suspender a guerra ja ateadada no Brasil, que ameaçava em breve tempo abraçar tambem a Lusitania. Apenas parte sua Augusta Mãe para Madrid, conclue logo hum tratado preliminar de paz e de limites, fundado no de 1750. Pouco depois se fazem novos pactos de neutralidade, e garantia entre as Corôas de Hespanha e Portugal, com que mais e mais se apertão os laços do parentesco e boa vizinhança, que nunca deverão ter rompido a politica. Julgou a nossa Augusta Rainha que hum pequeno Presidio remotissimo, encravado no coração de terras ermas e abertas, não devia custar huma só gota mais de sangue a seus vassallos; e ainda este pequeno sacrificio de hum capricho, que nos tinha levado ja milhões, foi assás compensado com as vastas terras, que recebemos em troca; e que dando grande fundo ao Brasil, estendem nossa raia, e segurão as ricas minas das capitancias do certão; e a communicacão destas com as de beira mar, pela navegacão interior dos grandes rios, que vão enriquecer com inmensos cabedaes os dois mares fluviaes do Amazonas, e da Prata. A colonia do Sa-

cramento, Srs., não era colonia nossa, era dos estranhos; que por meio de continuos contrabandos beneficiavão seu commercio; ficando-nos somente guerras e despezas. Pelo novo tratado se fixão de huma vez os limites do Brasil, que não tinham sido ainda bem determinados, nem pelo provisional de 1661, nem pelo de Utrecht, nem por outra alguma transacção antecedente.

Consumir vidas e fazendas em conquistas de pouca monta, he debilitar-se para as importantes. De que servem terras inuteis e apartadas, quando faltão braços para cultivar as que temos á porta; quando o preço do que se ganha, ou se conserva por capricho, não vale o sangue que se perde. De que nos servirão, Srs., essas conquistas d'Africa, que nos custarão tantas vidas e cabedaes, se depois as havíamos de largar, ou porque não se podião sustentar, ou porque erão, por infructuosas, de nenhum prestimo e valor? Sem ellas de certo, o malogrado Joven, o Sr. Rei D. Sebastião, não hiria sepultar-se a si e ao desgraçado Reino nas areas Africanas. Sempre conveio, e sempre convirá cotejar o que se perde, com o que se quer ganhar. Ah! Srs., felizes são os povos, quando com prudencia e bondade os Soberanos procurão sua gloria no socego de Ceres e Minerva, e não nas lides de Mavorte! Gloria innocente, que não custa lagrimas nem sangue!

Pax optima rerum,

Quas homini uovisse datam est: pax una triumphis

Innumeris potior. Já dizia em seu tempo Silio Italico.

Para segurar melhor a paz, conclue a Soberana hum novo tratado com França, pelo qual se estreitarão cada vez mais os laços, entre os diversos ramos da Augusta familia dos Bourbons. Conservando assim a nossa Soberana a tranquillidade de seu Reino, tambem soube firmar a sua neutralidade, quando a guerra entre a Inglaterra e suas colonias, em que tomara parte a politica de França e de Hespanha, ameaçava devastar a Europa e o Mundo inteiro. Tão grande era o resentimento de ambas aquellas cortes contra esse povo activo e industrioso, a quem ensoberbecia a liberdade, e que por suas riquezas e forças navaes dominavão sobre os mares! Era porem difficultoso conservar harmonia com nossos antigos alliados, e com os Gabinetes de Paris e de Madrid ao mesmo tempo: mas tal foi a prudencia e dignidade do governo de Maria que o pode conseguir: Para melhor conserval-a, accedeo ella a essa neutralidade armada, que creara o grande espirito de Catharina. Por este novo tratado com a Russia estendeo muito Portugal o seu commercio, principalmente o dos vinhos, que as armadas augmentadas consumião; e tambem o dos generos co-

lonias, que não podião então fornecer a Gram-Bretanha, Hespanha, e França aos mercados do Norte. A este importantissimo tratado deveo Portugal a maior riqueza, que nunca teve, depois dos brilhantes dias de Manoel; e cujos restos ainda hoje conservamos, a pesar dos horrores que soffremos dos satellites da usurpação e tirania.

Firmando assim a segurança do Imperio, não se esquece Maria de aperfeiçoar e fomentar ao mesmo tempo as artes da paz; entre as quaes tem o primeiro lugar os cuidados da Legislação.

A sciencia do Governo, como sabeis, Srs., consiste em indagar o que pode ser hum estado para corresponder aos seus mais altos fins; em conhecer todos os seus recursos presentes e futuros, e todas as suas faltas actuaes. Vigor e lei são os factores de tamanhos bens, sciencia e civilisação, quem os promove e acompanha. Quando todas as forças individuaes dos vassallos se dirigem e empregão no bem geral do Estado, se as circumstancias physicas e moraes dos povos devem servir de norma para os meios applicados, nunca podem ser obstaculos invenciveis; porque o homem, que obedece á razão, pode vencer a natureza e o costume. Mas sem boa legislação não conseguem os Estados tal ventura; porque as leis são as regras que encaminhão nossas acções; os preccitos, pelos quaes o homem, esta creatura dotada de razão e de vontade, deve dirigir

suas nobres faculdades para a sua maior felicidade. No coração humano gravou a divindade os principios do honesto e do util, para que a sabedoria e a experiencia melhor podessem depois desenvolvê-los e applical-os. Se as leis humanas vão contra estes principios sagrados, são sujeitas e damnosas, e não merecem a nossa estima; porque delles recebem todo o seu valor e auctoridade. Mas como estas leis, que podemos chamar da natureza, são poucas e geraes, virão-se as nações obrigadas a amplial-as, e applical-as, segundo requerem o estado das sociedades, os progressos da cultura e riqueza, e a posição local. Daqui veio a necessidade de haver hum poder supremo em cada Estado, que podesse fazer novas leis, sabias e justas, quando assim cumprisse. Guiada por estes luminosos principios a nossa boa Soberana emenda varias leis de seu Augusto Pai, e publica outras de novo, das quaes referirei tres, que muito honrão sua memoria. Manda que os criminosos não gemão no segredo por mais de cinco dias; regula a jurisdicção illimitada da policia; e prevê a necessidade de dar o ultimo golpe ao feudalismo, declarando e restringindo as jurisdicções dos donatarios; e apesar de que as duas sabias leis, que sobre isto promulgara, demandem ainda novos regulamentos e trabalhos para a sua cabal execução, todavia muita utilidade temos ja colhido deste primeiro ensaio. Foi esta huma prova mais, do quanto

a nossa Rainha desejava condescender com as novas luzes, espalhadas pela Europa, começando assim gradualmente a alimpar o edificio social da ferrugem de tempos barbaros e escuros.

Faz ainda mais Maria I., cria hnuma junta de Jurisconsultos, encarregada de fazer hum novo codigo. Havendo-se mudado o estado da nação, tendo se alterado o modo de pensar, os costumes e as idcias, era preciso que tambem se mudasse e alterasse a legislação; o que só se poderia alcançar, compilando-se de novo hum corpo de ordenações, á imitação do que ja tinhão tentado a Russia, e a Dinamarca; e do que tinhão executado em todo ou em parte a Prussia e a Toscana. Para esta nova junta forão nomeados entre outros dois illustres Jurisconsultos, que muito trabalharão em tão nobre empresa, deixando-a ja prompta a vir á lume; mas desgraçadamente, ou porque outras occupações e negocios, talvez mais ponderosos, não permittissem a seu Ministerio dar exclusivamente a este objecto todo o seu zelo e actividade; ou talvez porque distribuindo-se as materias por diversas mãos, não houvesse entre ellas toda a harmonia e unidade de plano, veio-se a malograr por então aquella empreza. Eu, Srs., estou capacitado de que os grandes projectos devem ser concebidos, e executados por hum só homem, e examinados por muitos: de outro modo desvairão as opiniões, nascem disputas e rivalidades; e vem a

faltar aquelle centro commum de força e de unidade, que tão necessario he em tudo; e mormente em objectos de summa importancia. Mas basta para gloria da nossa Soberana o ter mandado; realizal-o não depende muitas vezes de nós. Só devemos ser responsaveis pelas nossas intenções.

Porem, se cumpre haver leis, ainda cumpre mais que tenham bons executores. Sem Ministros integros e doutos a innocencia não acha asylo nas leis: violão-se á frente do mesmo Legislador, e no mesmo sanctuario da Justiça: por isso a nossa optima Rainha sempre teve o maior cuidado na escolha e promoção dos Magistrados; e procurou, favorecendo e aperfeiçoando os estudos Juridicos da Universidade, que os legistas que d'ali sahisses não fossem meros rabulas sem principios alguns de direito natural e publico, e sem Philosophia da Legislação; pois devemos confessar que até os ultimos annos do Reinado de Seu Augusto Pai, lavrava em Portugal, quasi geralmente, huma logica mourisca, que applicava as leis Romanas, mal interpretadas e entendidas, á tudo o que occurria, sem attenção á diversidade dos tempos, ou á differente constituição da nossa Monarchia.

Não pararão aqui os cuidados de Maria: ella conhece que hum Estado sem agricultura, sem fabricas e industria, sem commercio e navegação, em fim sem educação scientifica, sem moral e religião pu-

ra, he hum estado pobre, fraco e desprezível. He justo pois que vejamos o que ella fez, e intentou fazer, para bem dos Portuguezes nestes ramos.

A prosperidade da sociedade humana he proporcional á cultivacção do seu solo; sem esta não ha subsistencia, nem civilisação; pois da copia da agricultura, e das artes mechanicas que esta sustenta, nasce a mercancia, e de todas reunidas a riqueza das nações. Nem só he necessaria e proficua a agricultura, he tambem util á moral e á robustez do povo; influe no coração e nos prazeres da vida. Quem se não encanta com a vista de campos cultivados e verdes, de searas abundosas e douradas? De que virtudes não he mãi e ama a agricultura? Fortaleza e industria, constancia e paciencia, são necessarias para se emprehenderem e desempenharem os trabalhos da lavoura. Dão-se tambem as mãos a agricultura e a religião: o lavrador continuamente eleva sua alma ao creador, a quem rogá a cooperacção do Geo. O espirito que sabe contemplar os misterios da vegetação, admira arrebatado as obras da Divindade; e não pode deixar de a louvar de continuo, e agradecer-lhe os beneficios que recebe. Mas não só a agricultura nutre as virtudes, mas excita os talentos. O emprego do lavrador pelos seus fins e extensão requer muita previdencia, e grandes conhecimentos. Elle deve conhecer a organisação e propriedades das plantas e animaes;

examinar o torrão, as estações e o clima, saber o seu prestimo, melhoramento e applicação. Por meio desta arte maravilhosa he que o homem veio a ser o senhor de toda a criação, e o dominador dos animaes, de quem verdade he, se nutre e serve; mas tambem os alimenta, pensa, conserva e multiplica. Daqui vem que cada novo progresso, que se faz nesta nobre arte, he não só hum novo titulo de gloria, mas tambem novo beneficio para a humanidade; porque concorre para haver maior numero de homems, isto he, de irmãos e de consocios; aos quaes incita com riqueza e abundancia á desenvolver a razão e as virtudes na cultura das sciencias e das artes.

Daqui vem que nos tempos heroicos e singellos da nossa especie era a agricultura a occupação dos chefes e dos legisladores das nações: mas depois com a dissolução dos costumes, e com as novas ideias de huma honra fantastica, apparecerão almas duras e crueis, que julgarão ser mais honroso destruir que conservar; ser melhor conquistar por força bruta que com a industria virtuosa. Então a arte mais nobre e util que inventarão os homems, veio a cahir pouco e pouco na mofa e no desprezo, donde agora forcejão por arrancar-a a Philosophia, e os bons Reis. Mas a optima Maria soube imital-os: ella dá novas providencias sobre a cultura das Lizirias e do campos da fertil Golegã; concede replantar as

vinhas no riba-Tejo, que huma politica errada ou interessada tinha mandado arrancar; não attendendo ao bem que fazião em campos soltos e arenosos; oppondo-se ás innundações, e retendo seus nateiros.

Permitte afforar varios baldios; prohibe a entrada das farinhas e vinagres estrangeiros; izenta do pezo das caudclarias, sobre as quaes dá repetidas providencias, aos lavradores que cultivassem somente vinhas, hortas e arvoredos. Faz enchugar e romper paués, e rotear mouchões. Para defender das cheas os bellos campos das Lizirias e do riba-Tejo, e favorecer o enchugo das terras apaúladas, fazem-se tapadas; e abrem-se as antigas vallas, que pelo decurso e descuido dos tempos se achavão entulhadas. Com a obra do novo encanamento do Mondego, que mandara fazer á bem da sua navegação, fertilizão-se de novo muitos areaes estereis e abandonados; e reparão-se os campos cultivados que se hião arruinando.

Legisla igualmente sobre a redução, dos foros e censos do Algarve; pois se em todo o Reino padece a lavoura muito com estes encargos, soffria muito mais que os outros aquelle estreito e limitado paiz. He huma verdade incontestavel, que ninguem pode cultivar hum campo, sem que a sua producção pague as despezas, os amanhos, e dê tambem hum sobejo liquido, que sustente com fartura ao lavrador. Se porem os encargos e impostos são taes que

abrangem todos estes lucros; então esmorece o camponez, e a terra fica esteril e desamparada; mormente se reflectirmos que ao pobre lavrador de Portugal só ficou livre e izento algum pedaço de terra por esteril e escondida: pois toda a que havia boa, de longos annos anda em mãos estranhas e avaras, que as tem carregado de censos e foros pe-zadissimos.

Para augmentar cada vez mais a cultivacão das vinhas, e dar sahida a seus productos, que poderião sofrer com o novo Tratado entre França e Inglaterra, obtem outra vez a plena execucao das antigas convenções, firmando tambem assim, cada vez mais, a alliança com a Gram-Bretanha; alliança que em seu tempo veio a ser proficua á ambas as nações.

Outro objecto importantissimo do seu maternal governo forão as pescarias dos nossos mares e costas; manancial seguro de occupação e riqueza. Para fomental-as, izenta de direitos a todo o pescado secco e salgado de Portugal e Ilhas; e proroga successivamente a companhia das reaes pescarias do Algarve; porque entende que assim as protege effi-cazmente,

Mas não era possivel que Maria se esquecesse tambem de fomentar a industria e as fabricas de seu Reino. Só o homem selvagem limita seus cuidados e occupações á caça e á pesca, ou em colher fructas

bravias, que lhe apresenta a natureza: mas como a divindade tivesse sabiamente gravado em seu peito o desejo de melhor vida; pois o dotara de razão e intelligencia, este mesmo selvagem procura pouco e pouco conseguil-a, augmentando sua actividade e seus trabalhos. Deste modo se vai civilizando, e corresponde aos grandes fins da Providencia. Se pois o homem solto e derramado pelos bosques e campos, tambem procura augmentar a sua industria para se distinguir das brutas alimarias, quanto mais o devem fazer as grandes sociedades e nações civilizadas? Com effeito, Srs., sem industria, sem fabricas e manufacturas nenhum Estado he rico e independente. A agricultura e pesca só por si não bastão para toda sua prosperidade, e maior povoação.

Guiada por estes principios luminosos a optima Maria toma á peito fomentar as artes, desempenhando a industria, para que cada hum possa buscar pela sua agencia e trabalho o seu melhoramento. Para animar as fabricas de privilegio Real declara izentos de direitos todos os generos de fora, que lhes são ainda precizos por incuria nossa: concede novos privilegios á fabrica de vidros da Marinha, e lhe vai successivamente prorogando o tempo; e o mesmo faz a muitas outras. Prohibe a entrada de varias fazendas estrangeiras, e das sedas da India, que podem e devem fabricar os seus vassallos. Oc-

cupa as mulheres pobres da Capital, mandando distribuir por ellas linho e algodão para o fiarem, remediando deste modo a sua pobreza e desterrando a ociosidade. Para diminuir as grandes despezas que custavão ao seu Real Erario as Fabricas Reaes de panos, que seu Augusto Pai tinha creado; e incitar ao mesmo tempo a industria dos particulares, facilitando-lhes os meios de adquirir novas riquezas, manda-as entregar a humã companhia de negociantes abonados, dando-lhes regulamento, e impondo-lhes as condições mais convenientes á sua conservação e maior prosperidade. Faz a grandioza cordoaria, tão commoda pelo sitio, quanto necessaria e de summo interesse á humã nação commerciante e navegadora. Com os mesmos fins estabelece no pinhal real de Leiria a effbrica de póz e alcatrão, que tão proveitosa tem sido á nossa Marinha. Para prover de combustivel barato e abundante aos Arsenaes Reaes, e ao consummo do seu Reino, ha tantos annos falto de matas e arvoredos, promove a lavra da mina de carvão de pedra de Bnarcos, que se tinha começado a abrir em tempo de seu Augusto Pai. Em seu reinado se augmenta e aperfeicoa de maneira o fabrico da polvora, que della só se provem o reino e as colonias; e com seus lucros avultou muito e enriqueceu a renda publica. Em fim para melhor se dirigirem e governarem todas as manufacturas Reaes e particulares, amplia a an-

tiga Junta do Commercio, elevando-a ao mesmo tempo a grã de Tribunal Regio; criação importantissima, mas á qual ainda falta, segundo me pareço, um bom regimento que córte colisões e aplique seus cuidados: debaixo desta Junta põe a nova Direcção das Fabricas de seda e de galões, qua deva vigiar sobre o seu augmento e perfeição.

Conhecondo ao mesmo tempo que não podem prosperar a agricultura e a industria, se não tem por companheiro inseparavel o commercio, Maria Augusta muito o protege e favorece.

O commercio, Srs., he tão antigo como o mundo. Ha dous mil annos pelo menos antes da nossa era christã, ja elle começava a florecer. A quem são desconhecidas as frotas do sabio Salomão, que hião commerciar nas ricas terras de Ophir; o trafico dos Egyptios, e Phinicios, dos Carthaginêzes e Romanos? Quem ignora tambem que depois das irrupções dos barbaros do Norte, que ameaçavão anniquilar a civilisação do mundo inteiro, levantara elle outra vez a fronte entre os Pisanos, Florentinos, Genovezes, e Venezianos; e logo depois tambem entre os povos do Septentrião, formada a famosa liga Hanseatica, em que entrava Lisboa, e o nosso Porto? A's navegações e estabelecimentos, que fizerão os Portuguezes nas vastas costas do Oriente, Africa e America, deveo o commercio toda a incrível estensão e augmento que hoje tem; e como era possível,

Srs., que Maria I. não quizesse tambem, como seu Augusto Pai, emular nesta parte seus Avós, os Joões e Mãoéis? Com effeito, Srs., para animar o commercio de seus Reinos, modera os direitos, que pagavão varias mercadorias nas alfandegas e portos seccos, dá gratificações aos exportadores de generos nacionaes, e á importação de alguns artigos estrangeiros que nos erão necessarios, com tanto que sejam navegados em nossos baixcis. Izenta de toda a imposição os generos de Goa, e manda que os outros da Azia só paguem meios direitos querendo fossem para o consumo do Reino, e muito menos quando entrassem por baldeação. Para fomentar a agricultura e commercio do Brasil e Ilhas, prohibe a entrada de arroz estrangeiro em Portugal, concede liberdades, e communicação mutua entre a Madeira, Açores e a nova Lusitania, que até então por politica acanhada estava ainda vedada; e dá muitas outras providencias, que não posso referir por não alongar demasiado este discurso. Porem deverei trazer-vos á memoria, que ella soube extinguir o monopolio das companhias do Pará, Maranhão e Pernambuco, que erão não só inuteis e damnosas ao commercio geral de seus vassallos, mas igualmente á futura prosperidade do Brasil. Foi Maria I., alem disto, para com os seus dominios ultramarinos tão boa mãe, como sabia soberana; pois não só com repetidas providencias muito adiantou sua prosperidade, mas tambem

vigiou que essas Provincias arredadas se governassem com justiça e sabedoria, escolhendo para governadores, homens honrados e prudentes, e mandando devarrassar de alguns que parecião haver prevaricado. O commercio da India augmentou muito em seu reinado, e o do Brasil e Africa se elevarão á hum ponto, á que nunca tinhão chegado até então. Portugal veio a ser outra vez terra de grossos tractos e cabedaes, e a escala geral das nações industriosas. A balança do commercio que em 1777 era a favor da Inglaterra, e contra nós, em quasi 5 milhões de cruzados, não só se poz ao par, mas veio a ser, durante o seu Reinado, muito em favor nosso. Mas como sem navegação e marinha não haja commercio lucrativo; e o que mais he, nem haja segurança no Imperio; mormente quando este está repartido em pedaços por quatro mundos, como o nosso, merecerão estes ramos á Maria I. todos os cuidados e desvellos. Para ter promptos e contentes os officiaes de sua marinha, augmenta-lhes os soldos, e regula seus accessos; cria as novas praças de Aspirantes; e anima a mocidade a que empregue seus talentos nos estudos e pratica do mar. Quantos habeis pilotos e officiaes que hoje impavidos levão nessas náos aos confins do universo, não devem o que são, e o que sabem, aos seus maternas desvellos? No seu felicissimo reinado não só se repararão muitos dos baixeis, ja velhos e arruinados, mas

se fizerão de novo 18 embarcações de guerra, com que muito cresceu a nossa armada. Fez mais: levanta huma nova brigada para o serviço do mar: reforma abusos inveterados e damnosos nos armazens e arsenal, e cria por fim hum Almirantado, que haja de vigiar sobre todos os negocios da Marinha.

Mas não foi só este ramo que lhe mereceo a attenção; tambem procurou ser util á navegação interna de seus Reinos: ella manda abrir huma nova barra em Aveiro, a fazer o novo encanamento do Mondego, e as obras necessarias para desimpedir a barra do Porto, e facilitar sua navegação; obras que continuando com o mesmo zelo e sabedoria na Regencia de seu Augusto Filho, ja tem trazido, e hão certo de trazer cada vez mais novos bens a Portugal.

Mas não basta, Srs., ter huma marinha florecente. Para a felicidade e segurança do estado, e para honra da corôa, cumpre que haja hum exercito de terra respeitavel. As nações de territorio e povoação limitada andão sempre em risco de ser opprimidas por vizinhos poderosos, se a politica e justiça não sabem reunir as forças phisicas e moraes do seu povo. Verdade he que quando huma nação he valente e generosa, como a nossa; quando os soldados vencem pela disciplina e valor o numero; quando, graças ao Ceo, o terreno he defensavel e apanha-

do, que não pode contra elle haver ataque repentino que se não acuda promptamente com o remedio, então não são precisas tropas numerosas; as quaes hirião esgotar o Erario, diminuir a povoação, e roubar os braços necessários ás artes e á agricultura sem a menor utilidade. Como porem a nossa boa Mãe folgava mais de conquistar corações dos vassallos, que de tomar cidades e de estender imperio assolando o mundo, e derramando sangue; nunca ho faltarião forças para rebater aggressões, segurar a independencia, e não ter vendida a liberdade. Se em tempos barbaros antes da tatica moderna, o numero dos guerreiros decidia das victoras; agora que a guerra he huma sciencia, a quem a Philosophia, que só devia cuidar em felicitar os homens, foi obrigada a servir, imprestando-lhe os seus calculos e luzes, quem defende os Estados he o saber dos Generaes; não he o numero, he o valor e disciplina dos soldados. Nunca os Luzitanos temerão inimigos numerosos, sempre ousarão para defender a sua honra e liberdades, morder a terra, e regal-a com seu sangue. Quando a defeza da Patria, e a honra da corôa o requerem, deixa o Portuguez de boa mente seus lares e trabalhos; e nunca sabe esconder-se, nem fugir da face do inimigo. Até os paes, e os amigos, as esposas e os filhos, tem isto por braço. Por isso o soldado Portuguez sempre mereceo o amor e contemplação de seus Reis, e os deveo

igualmente á nossa Augusta Rainha. Ella regula seus soldos e remunerações; concede-lhes que não sirvão por mais de 10 annos contra sua vontade. applica metade do rendimento da Obra Pia para soccorro das orfãs e viúvas dos officiaes; e para augmentar os cabedacs desta e outras obras de piedade impetra da suprema cabeça da Igreja, que se lhes applichem os ordenados cahidos das Igrejas vagas do Padroado e Casa de Bragança; graça que depois se ampliou a outros beneficios. Regula os Conselhos de Guerra: nomeia Inspectores que vigiem sobre a disciplina, e cria por fim huma academia de Fortificação e Artilheria, com summo proveito do seu Exercito. *(De Johanne de ...)*

Estas sabias providências produzirão todo o seu effeito; e nossas tropas não decahirão em seu tempo da gloria dos maiores: na India alcançarão contra o Bençolo victorias, com que conquistamos a paz, em terras e mares, que serão para nós out'ora theatros de mil espantosos triumphos. Assim de mãos dadas a paz fora, e a concordia e actividade em casa, produzião riquezas e abundancia, e augmentavão nossa diminuta povoação; mas a nossa Boa Mãe não está ainda satisfeita: ella dá novos soccorros aos necessitados, e novo emprego aos braços que ainda poderião estar desocupados, quer que seus vassallos gosem de todos os commodos da vida social; e milhares de obras se reparão ou se fazem de novo para

utilidade e gloria do seu Reino. Para asylo da pobreza e orfandade, para desterro da mendicidade, cancro que ha longos seculos roe e devora os Estados da Europa, cria no Castello de S. Jorge huma Casa Pia, onde tambem a mocidade he instruida nos Elementos das Sciencias e das Bellas Artes; e donde sahirão depois muitos moços de talentos, que forão brilhar em Coimbra e na Italia. Seria longo referir todas as pontes, fontes, e calçadas que se fizerão de novo; todos os rios que se abrirão e limparão, todos os arvoredos que se plantarão ao longo dos rios e caminhos; e bastará que vos lembreis entre todas estas obras, das duas soberbas estradas de Coimbra e Douro; o da illuminação da Capital. Pela Administração das Obras Publicas, para que fora criado Inspector Geral o Conde de Valladares, se despendirão nestas e outras emprezas perto de oitocentos contos, somente até a sua morte; e quanto não importarão as que forão costeadas pelos cofres de Coimbra, Aveiro, e Porto! Se o Erario novo que mandou edificar a Magnanima Rainha se podesse concluir, seria mais hum monumento duradouro da grandeza da sua alma! assim como he sem duvida esse Real Mosteiro, que levantou em acção de graças pelos filhos que o Ceo lhe concedera! Edificio este, Srs., que, se não emparelha em vastidão com o de Mafra, o iguala pelo menos em perfeição e acabamento; onde os canteiros Portuguezes

deixação, mais hum padrão eterno da sua arte. A pompa da sagração correspondeo aos fins e á grandeza de tal obra.

Como sábia e previdente, conhece Maria I. que para felicitar seu Rejno não basta somente fomentar a agricultura, as artes, e commercio, e ter hum bom Exercito e Marinha, mas que cumpre mui principalmente dar ao povo educação scientifica e moral. Com effeito, Srs., para ajuizar de qualquer nação basta attender ao estado das sciencias e dos costumes. Hum Socrates e hum Platão fazem melhor apreciar o estado da antiga Grecia, que todos os seus Generaes, e todos os seus Templos e Palacios. Bem sabeis, Srs., que nada ha mais prejudicial ao corpo politico do Estado, que a ignorancia de seus membros. O homem sem boa instrucção tem dous motivos para obrar mal, as paixões sem freio, e a ignorancia das suas obrigações. Demais o homem rico, que aborrece ou desconhece o estudo, de necessidade se hade entregar á preguiça; e a preguiça obriga para afugentar a sensaboria e fastio de huma vida indolente, que nos entreguemos aos deleites, e á devassidão. Firmão tambem as letras, Srs., os thronos dos Reis, justos e bons, fazendo amavel e necessaria a obediencia; e desfazendo o orgulho e pertenções das classes que se julgão dominantes. Reflecti tambem, que desde que na Europa alçou a voz esta Santa Philosophia, que ho-

mens egoistas ou hypocritas tanto ousão denegrir, não obstante ser o esteio e ornato do Christianismo, não virão nossas eras mais tyrannos; e se nestes ultimos tempos malfadados appareceo hum usurpador ousado, ás luzes da Philosophia devemos o ser precipitado do seu throno, e ter de novo altares a virtude entre os humanos. Mas se a cultura das sciencias he util e necessaria em toda a parte, mais o era em Portugal. Apesar da reforma da universidade, que tanto honra a memoria do Sr. Rei D. José I., inda as sciencias e as letras não tinham ganhado pés como devião entre nós; ainda em muita parte nos dominavão os Lemures da Philosophia Arabigo-peripatetica; ainda com seu sophismas, e argucias offuscava e sopeava a razão — *Horrendum stridens flammisque armata chimæra*. — Quanta gente entre nós nem se quer suspeitava o que he, e pode ser o entendimento humano! Sentião, mas poucos sabião reflectir; e pouquissimos conhecião o verdadeiro e o util. Não posso negar que no anterior reinado se tinham lançado as primeiras linhas para se estabelecerem as sciencias exactas e Physicas na universidade; mas não tinham estas deitado ainda raizes profundas no solo Portuguez. Davão-se nossos doutos e applicados quasi exclusivamente a huma pouca de Philologia Latina, e quando muito a Rhetorica e Poetica; mas não sabião ainda avaliar perfeitamente a soberania das sciencias Natu-

raes e Mathematicas. Não penseis, Srs., que eu siga os desvarios de alguns espiritos do nosso seculo, que só achão dignas do seu estudo e applicação estas sciencias; e desprezão as bellezas das Boas artes, e as tarefas da erudição: não, Srs., eu conheço, que por mais sublimes que sejam aquellas verdades, para serem uteis e generalizadas precisão de apparecer com ornato e atavios, que só lhes podem dar as Bellas Letras. Mostra a historia do mundo que as nações que desprezando o gosto da Literatura, só se derão ao escabroso e arido das Sciencias puras, nunca produzirão huma obra que passasse á posteridade. Estas mesmas sciencias, que exclusivamente cultivavão em pouco tempo, ficarão reduzidas a esqueletos mirrados e sem alma, a huma algaravia de argucias despreziveis. Mas devo confessar ao mesmo tempo, que se as Bellas Letras, em hum seculo tão instruido como o nosso, são precisas a todo o homem bem creado, são todavia mais hum ornato necessario, que hum merito exclusivo e relevante; e dellas ao esplendor das sciencias indispensaveis vai longo caminho.

A Maria I. estava reservado clevar as Sciencias ao ultimo esplendor. Com seu favor e amparo tomão novo vigor as que estavam ainda no verdor da idade, e as mortas e appagadas resurgem, reverdecem, e tornão a accender-se. Ella não affrouxa em sustentar a grande obra da reformação dos estudos

da Universidade; estabelece premios annuaes em todas as Faculdades; cria huma cadeira nova de Botanica e Agricultura; e para animar e favorecer as Sciencias Physieas e Mathematicas, ordena que nos dous Collegios Reaes haja sempre hum lugar para cada huma das tres Faculdades Naturaes. Cria em Lisboa, como ja acima referi, duas Academias navaes, huma de Marinha, e outra de Fortificação e Artilheria, e em Roma outra para se aperfeiçoarem os Pintores e Abridores, que sahisses das escolas da sua Caza Pia. Com seu favor e protecção faz renascer das cinzas da Academia Real da Historia Portugueza, que durara breves annos, huma Academia de Sciencias que abranja todo o campo do saber humano. Não pára aqui seu zelo: desejsando animar cada vez mais os estudos e a pratica da Zoologia, Botanica, Mineralogia, e Metallurgia, que andavão degradadas de seus Reinos pela ignorancia e descuido dos tempos, escolhe alguns moços de boas esperanças, entre os quaes por benignidade fui eu tambem contado, para hirem, huns viajar e examinar seus vastos Dominios d' Africa, e America, e outros estudar e conhecer as Artes e Sciencias da Europa culta; para que depois de voltados ao Reino, fizessem nelle alicerce de huma obra tão nova ainda entre nós, quanto necessaria.

Muitas outras cousas fez Maria, a bem das Sciencias, que seria longo referir, mas bastão estas que

rapidamente tenho tocado, para conhecerdes quanto lhe devem seus vassallos; e quanto cumpre que as Sciencias, que ella protegera, lhe paguem esta divida sagrada, alçando o seu grande nome ácima das Chatarinas, e Philippas.

Se a Optima Maria procura com vigor o augmento das Sciencias e das Letras, tambem continua sobre o throno a dar constantes provas da sua religião e piedade. Não se esquece de allumiar com as luzes do Evangelho, precursoras da civilisação, aos povos ainda barbaros, que moravão em seus vastos Dominios; e até anima e sustenta, á exemplo de seus Maiores, as Missões da China e outras da Azia. Com que diligentissimo zelo, com que maduro conselho, não se oppõe á devassidão dos costumes, e á irreligião do tempo, que parecia querer levantar desaforada a cabeça tambem entre os Portuguezes! Mas a religião de Maria não he religião de sangue, he a religião de paz e mansidão, que se acha no Evangelho. Se Phariseos anti-Christãos, que pertendem usar da razão para denegrir a razão, cuidavão abuzar da sua piedade, bem depressa se desenganarão. Affectavão os hypocritas amar a Deos e erão inimigos dos homens; querião ostentar zelo pelo bem do Estado, quando este ainda sangrava pelas chagas, que lhe abriera o fanatismo; pregavão perseguição, quando esta ainda apresentava ante seus olhos os fructos que gerara, a despovoação, a

pobreza e a ignorancia. Desta vez se enganarão; a Optima Rainha quer emendados os vassallos; mas não quer perder os filhos, nem infamar a gloria da nação que tanto forceja por augmentar e realçar.

Para escapar destes males, para criar dignos ministros do Evangelho, Maria cuida muito na educação do Clero, e novos Seminarios se levantão, onde se ensinão as Sciencias que requer em seus ministros o Christianismo, para bem da humanidade, e honra da Religião. Com que discernimento e zelo não escolhe a Pia Rainha os Parochos e Bispos de seus Reinos e Dominios? Se consente entrarem nas Religiões mais alguns noviços, por assim convir aos officios divinos, e ao esplendor do culto, não abre todavia porta franca a taes licenças: e com muita razão assim o faz; porque erão os Religiosos huns homens, que desde que entrarão em Portugal estavam herdando sempre, e não largando nunca; e erão ja tantos, que cada dia hiamos nós outros sendo menos, e mais pobres. Não julgueis porem, Srs., que eu sou inimigo das Religiões claustraes, não por certo: desejo somente que ellas sejam asylos de santos e de sabios, que por isso mesmo serão poucos. Conheço pela historia, que cessando pela irrupção dos povos septentrionaes as escollas publicas na Europa, os claustros reanimarão os estudos, e os sustentarão contra a devastação do barbarismo; sei que a vida laboriosa dos filhos de S. Bento, e a

boa ordem, e economia de seus predios e Mosteiros, forão mananciaes de riqueza, e de prosperidade para a Europa: a elles deve a Alemanha quasi toda a cultivacão e rotea, de seus bosques, e os começos da grande civilisação que hoje possui. Eu mesmo conheço ainda agora, nestes tempos de relaxação e decadencia, muitos varões illustres nos conventos, que honrão a religião com suas virtudes, e a patria com seus distinctos talentos: mas todavia sou forçado a confessar que a Augusta Maria fez serviços á Igreja, e mercê grande ao estado quando estabeleceo com a approvaçãõ da Santa Sã a Junta encarregada de indagar o estado das ordens regulares, e consultar seu melhoramento: possa ella satisfazer aos fins da Soberana que a fundou!

Assim hia a Optima Rainha enchendo a carreira de seus annos: e enchendo tambem a nossa cara Patria de bençãos e felicidades; mas hem longe estava ella de ter o coração contente. Nesta vida mortal, Srs., communmente quando brota huma afflicção, acompanhão-na mil outras. Em 1786 morre seu Augusto Esposo, desunido o doce laço que estreitara o amor e a virtude. Em 1788 morre na flor da idade o Principe D. José, com pranto geral dos Portuguezes, que nelle vião hum novo D. Theodosio. Neste mesmo infausto anno acaba tambem a bella e boa Infanta D. Marianna, a quem seguiu no tumulo em bem pouco tempo seu Preclaro Esposo.

E a sensível Mãe e Esposa não morreo! E teve constancia e fortaleza para resistir a tantos e tão atropelados golpes! Talvez teria acabado, se não fora o balsamo poderoso da virtude, e a resignação dessa grande alma verdadeiramente Christã. Mas ainda, Srs., novos males lhe estavam preparados: começa então a revolvêr-se a hydra fatal da revolução Franceza, que já ameaçava de engulir a Europa. Oh minha cara Patria, que perigos te ameação! Mas a excelsa Maria, esse Anjo tutelar, apesar da melancolia já profunda, que a abismava, ainda vigia sobre o teu socego. Parecia de razão e de justiça, que o Ceo no-la devia conservar por longos annos, sã e vigorosa; mas são outros os Decretos da Divindade, e a nós não cumpre penetrar suas razões. Ah! Srs., se a alma fortalecida pela religião não succumbe logo, fraqueja porem a humanidade. Pouco e pouco com os males repetidos, que soffria, foi perdendo sua alma a elasticidade mental; e a energia da razão foi afrouxando mais e mais diariamente. E quem sabe se a astucia interessada não amedrontava tambem com fantasmas pavorosos a sua delicada consciencia? Medicos habeis o zelosos tentão prevenir com os soccorros da arte esta publica calamidade; mas em vão; porque o mal resiste a todos os esforços; e só servio seu zelo para mostrar mais esta vez a fraqueza da Sciencia. Se em 1792 ainda vivia a Soberanã para os nossos corações, já não

vivia para o Estado. Quando a salvação do Reino e a conservação da Monarchia, obrigarão nosso Augusto Rei a deixar a Europa para hir bemaventurar paizes trans-Atlanticos; ainda estava viva nossa Boa Mãi, para acompanhal-o além dos mares; mas agora hum terra longinqua, ainda que nossa, possue suas cinzas.

Morreo em fim depois de longos sofrimentos, a Optima Maria: feichou-se aquelle templo da virtude, aquelle santuario da bondade e da prudencia: e quão cedo para os nossos votos se converteo em mausoleo! Oh! caducidade das venturas do mundo! Oh nada da existencia! Oh sonho desta triste vida! Mas não, Srs., Maria não morreo: só morrem aquelles de quem a sepultura não só cerra as cinzas, mas a memoria. A morte só levou o que era seu, mas deixou-nos o exemplo immortal de suas virtudes e preclaros feitos. Os que vivem sem fructo da republica, diz hum Philosopho Romano, durarão muito, mas morrerão logo; e porem nunca morrem os que souberão empregar a vida em beneficiar a humanidade. Maria não morreo; porque ainda vive a sua bella alma, vivem suas virtudes no Augusto Soberano que hoje sobre nós impera.

Agradeçamos pois ao Ceo, o ter dado a Portugal, quando mais necessitava, hum thesouro de bondade, de sabedoria, e de prudencia. Ja dizia hum Philosopho pagão: que não havia no mundo

domi dos Deoses de maior beneficio e formosura, que dar-lhe Principe casto, e santo, e mui semelhante á Divindade — *Quod enim prostabilis est, aut pulcris munus deorum, quam castus et sanctus et diis simillimus princeps.* —

Maria Augusta, se tanto vos devi pela escolha que de mim fizestes para hir recolher algumas luzes em terras estranhas e climas apartados, que tenho eu com que podesse agradecer-vos, se não manifestar hoje á face do Universo, por meio desta Oração desalinhada, o amor e lealdade que sempre consagrei á Vossa Real Pessoa e ao Throno, que tanto honras-tes com vossas virtudes! Assim podessem minhas forças ter correspondido a mens ardentes votos! Mas se á par da limitada musa de hum Virgilio houve tempo em que os rudes e desconcertados versos de hum Ennio não deixarão de agradar pela singel-zeza natural da expressão e do character, porque não cesperarei eu tambem que este meu sincero, ainda que tosco Elogio, seja apreciado pelos vindouros, que nelle acharão ao menos hum boêquejo do que fostes, e do que fizestes? Bem sei en, que apezar de toda a minha vontade ficou o cabedal do discurso muito á quem da riqueza do assumpto, peccando antes por mesquinho do que por sobejo. Mas se a Divindade folga mais com poucas palavras nascidas do coração, que com longos hymnos; espero tambem, que a vossa alma lá do Ceo, onde de certo

estaes, acceitará esta tenue mostra de amor e de respeito com aquella bondade maternal, tão propria vossa, quando vivieis entre nós.

DISSE.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).